

Parmênides

(Edição - em que procuramos manter o estilo oral - de conferência de JM.
Conferência do curso “Los estilos de la Filosofía”, Madrid, 1999/2000.
Edição: Jean Lauand. Tradução: Elie Chadarevian)

Julián Marías

Neste curso vamos falar dos estilos de filosofia. Não se trata de uma história da filosofia; Devem ter visto no programa nomes de filósofos, mas não se trata de expor sistemas filosóficos e sim os estilos, as diversas formas em que tem sido proposto o problema filosófico. Há, diríamos, um estilo de pensamento que é o da filosofia. Porque há muitas formas de pensamento, que diferem entre si, muitas mais do que as que habitualmente se enumeram. E uma dessas formas é o pensamento filosófico, que representa um estilo comum, e quando nos encontramos com um exemplo dele, dizemos: - isto é filosofia! Por outro lado, às vezes, há formas de pensamento que se apresentam como filosóficas, que têm esta pretensão e, no entanto, temos que dizer: - isto não é filosofia, é outra coisa! Outra coisa que pode ser valiosa, que pode ser interessante, mas que não é filosofia. Há portanto um estilo comum que é justamente o que engloba a totalidade da filosofia. Vamos examinar alguns casos ao longo de vinte e seis séculos. Naturalmente há certos momentos - às vezes próximos entre si; outras vezes, muito distantes - nos quais a atitude do filósofo muda; ele usa um repertório de conceitos diferentes e o uso deles também é diferente. Assim sendo, vamos tratar de fazer uma espécie de tipologia das atitudes e dos métodos filosóficos.

As primeiras conferências, como é natural, serão dedicadas à origem da filosofia ocidental: aos gregos. É espantoso que um pequeno povo, com muito poucos recursos, pobre - em todos os sentidos da palavra -, tenha sido capaz de criar em dois séculos, aproximadamente, digamos, dois terços da cultura ocidental, de suas sementes pelo menos, das questões propostas, dos sistemas conceituais do pensamento ocidental. Isto é espantoso, principalmente se considerarmos que depois do século IV a.C., a Grécia não foi nada comparável à capacidade criadora que foi durante o período anterior. Por outro lado há um fato muito importante: dos pensadores originários da Grécia não se conservam obras, conservam-se somente fragmentos: breves citações, em outros autores, de algumas ideias, alguns pensamentos, alguns breves parágrafos dos escritos perdidos dos primeiros filósofos. E é interessante que aquele que inicia uma época de uma grande maturidade filosófica (e de um deslocamento social muito maior e que, além do mais, está radicado em Atenas), Sócrates, não escreveu nada... Do pensamento de Sócrates não se conserva nem sequer uma linha escrita. Conservam-se testemunhos, falaremos disso oportunamente. Como vêm isto é bastante curioso. E, claro, a enorme preponderância de dois filósofos, Platão e Aristóteles, deve-se - além de, é claro, à sua genialidade, à sua imensa capacidade criadora - ao fato de que existem suas obras; não todas (especialmente no caso de Aristóteles faltam muitas), mas afinal há um *corpus* de escritos platônicos e aristotélicos que representam a transmissão de um pensamento coerente, acessível aos

leitores... Nem sempre, porque falaremos também, oportunamente dos eclipses desse pensamento: a história, quando olhamos com um pouco de amplitude e com atenção - tem problemas muito estranhos e muitas vezes surpreende-nos...

Bem, os primeiros filósofos permanecem somente em forma fragmentária. Como sabem, a filosofia grega aparece com a escola de Mileto, depois há algumas outras escolas, por exemplo, a pitagórica... e desses pensadores não há, repito, textos propriamente ditos, que se conservem de uma maneira direta. É interessante a atitude que então aparece, a forma do pensamento, o estilo de pensamento, em geral, que é o filosófico. E é muito importante destacar que - temos que ser sinceros: a admiração que temos por estes pensadores é ilimitada, mas temos que reconhecer que eles produzem uma impressão de pobreza, de singeleza, de elementaridade... Há formas de pensamento em outras culturas, inclusive mais antigas que a dos pré-socráticos, que são mais complexas: quando lemos que as repostas destes primeiros filósofos são: a realidade é fundamentalmente a água ou o ar, o *ápeiron*... parece-nos pouca coisa... e é pouca coisa! Esta é uma impressão que não se deve perder de vista. É impressionante até que ponto são respostas muito singelas, muito elementares, mas o importante é a pergunta, o importante é a atitude que se inicia com eles e não antes, e nem tampouco em outros âmbitos culturais. Ou seja, há, antes de mais nada, a pergunta como tal, o fato de perguntar. Os senhores sabem que se tem repetido ao longo do pensamento grego que o *thaumazéin*, o espanto, o admirar-se, é a origem da filosofia. Há um ponto de partida que é o espanto ante a realidade, há um estranhar-se, isto é, surpreender-se e ao mesmo tempo retirar-se, afastar-se da realidade para olhá-la e perguntar-se, de uma maneira global: o que é tudo isto? Aí está o ponto fundamental, este é justamente o estilo geral da filosofia. Tudo o mais, todos os estilos que vamos considerar são modulações deste estilo geral, que é perguntar-se e perguntar-se pela totalidade, pelo conjunto da realidade.

As respostas dos pré-socráticos são, repito, respostas simples, singelas. Há um caso interessante que é o do pitagorismo. A escola pitagórica - em muitos sentidos é surpreendente e nunca se chega a entender direito - era uma espécie de associação, ou até de seita - os pitagóricos - a figura de Pitágoras pessoalmente é por certo muito nebulosa - têm um interesse enorme pela matemática. E têm uma atitude de contemplação, são espectadores, é o que se vai denominar depois - e vai ser capital no pensamento filosófico - a *theoria*; *theoréin* é olhar, é contemplar. Lembrem-se, por exemplo, que Heródoto põe palavras na boca de Crespo (dirigindo-se a Sólon) ao dizer que tinha viajado pelo mundo "*theories héneken*", para ver, para contemplar, não para conquistar ou negociar ou ganhar dinheiro, mas sim para ver. É a atitude visual, própria do pensamento filosófico, e isto começa, principalmente, entre os pitagóricos. E eles, como dizia, tinham paixão pela matemática, estavam fascinados pelos números e pelas figuras. Chegam a dizer, a certa altura, que as coisas são números, ou redutíveis a números. Porque aí aparece uma paixão grega pelo que não muda, pelo que não varia, o permanente, como os números: o três é sempre três e não muda: o três da época de Pitágoras era três e é três hoje. Igualmente as figuras geométricas, que eles vão descobrindo como realidades, realidades estranhíssimas, porque não são propriamente realidades: o triângulo, o octaedro ou a pirâmide, não são propriamente reais; são o que chamaremos em nossa época de objetos ideais... Mas são permanentes, são algo que dura ou, melhor dizendo, que nem sequer duram, estão subtraídas ao tempo, por cima do tempo. Isto é sumamente importante e é curioso como o grego vai ter uma paixão por esta estabilidade, pela imutabilidade, por esta perduração e, ao mesmo tempo, vai empenhar-se pela realidade, pelo que é real: justamente pela natureza, pelo que chamam de *physis*.

Justamente a condição adversa destes dois conceitos será o propulsor que vai insuflar a dramaticidade no pensamento grego: quase todos os tratados que se

atribuem aos pré-socráticos se chamam *Peri Physios*, "Sobre a natureza". A *physis* é tudo, o conjunto; é um pensamento, digamos, cosmológico ou cosmogônico. Mas a ideia central é a ideia de movimento. Por exemplo, quando Aristóteles em sua *Física* vai definir o que é natureza, dirá que é o princípio do movimento e do repouso. De modo que a vontade de perduração, considerar realidades que são imunes ao desgaste temporal e, por outro lado, a consideração da *physis*, o conjunto da natureza, aquilo donde brotam as coisas, de onde nascem ou desaparecem; este será justamente o dilema que o pensamento grego se propõe de uma maneira profunda.

Vamos concentrar-nos hoje na figura de Parmênides, porque Parmênides é talvez o primeiro momento em que se consolida, diríamos, um estilo da filosofia. Parmênides é figura da primeiríssima hora, do final do século VI e da primeira metade do século V a.C. Com ele aparece um número impressionante de conceitos filosóficos gregos que vão perdurar através da história até os dias de hoje. Por um lado é interessante o gênero literário da obra perdida de Parmênides, conservada fragmentariamente: um poema. Surpreende o fato de que a primeira obra, relativamente madura, da filosofia seja um poema. Há portanto uma atenção poética justamente na própria origem da filosofia: coisa que não deve passar despercebido. E surge um poema com uma série de referências mitológicas, aparecem as filhas do Sol, que abandonam as moradas da noite - da escuridão, são filhas do Sol - que arrancaram os véus que cobrem o real - o que é, em forma metafórica, o grande conceito grego da verdade, *aletheia*, que é descobrimento, desvelamento, manifestação, patência, e assim já temos esse conceito no momento inicial da filosofia - e se trata de descobrir, com determinação, a verdade. E aparece outro conceito fundamental, o de caminho: existem várias vias, vários caminhos em Parmênides. Em grego, a palavra para caminho é *odos*, uma forma derivada dela é *methodos*, o método é o caminho para algo. E aparece também expressamente a ideia das vias, dos métodos de Parmênides. E ele distingue três vias possíveis: uma via é a via *do que é*, que é a via praticável, a via filosófica; a outra via é a do que não é, que não é praticável; e há a via do que é e do que não é, que é o que chamará - outro grande conceito grego - a *doxa*, a opinião (é muitas coisas mais: é fama, é glória, *doxa* aplica-se, por exemplo, a Deus "*Doxa en ypsistois Theo*" "Glória a Deus nas alturas", que ainda se reza na liturgia) e acrescentará: "a opinião dos mortais". Os mortais opinam, os mortais movem-se no âmbito do que é e não é. Ou seja, diferente da verdade, que descobre a via do que é, é a aparência. E aparece também a dualidade, que se perpetuará no pensamento helênico, entre o que realmente é, efetivamente, e o que é aparência. Com o qual também se esboça a oposição - terá um desenvolvimento posterior, mais importante ainda - entre o patente e o latente, o que está manifesto e o que está escondido, o que late.

Este é o pensamento de Parmênides, que se conhece por duas fontes capitais: os fragmentos - relativamente longos e importantes - e o diálogo platônico *Parmênides*. O primeiro estilo, a primeira realização adequada da filosofia, ocorre na obra de Parmênides; pelo menos é o primeiro no qual podemos reconhecer esse estilo, podemos possuí-lo; os outros não têm mais que uma existência mínima em fragmentos raros, escassos, brevíssimos, de interpretação difícil e muitas vezes contraditória. Mas, em que consiste propriamente a contribuição filosófica de Parmênides? Lembrem que a pergunta é: o que é tudo isto? E aí aparece o *é*, o verbo ser, *einai* em grego. E esse verbo tem um particípio presente, na forma usual em grego posterior, *ôn*, *ontos*; em latim *ens*, *entis*, o ente. É claro que se trata de algo que vai dar muito o que falar em toda a história da filosofia. Em espanhol é muito claro porque a palavra *ente* tem um uso bastante frequente, um uso filosófico depois se generalizou: chama-se ente a uma associação, a uma instituição; ou diz-se de alguém no sentido pejorativo (há também o sentido pejorativo) da palavra. Mas em francês, não; em francês se empregava *être* - *L'être et les êtres* é um título famoso; em espanhol se diria: "o ser e os entes" - *être* se

aplicava ao verbo no infinitivo e ao ente, o que é. É curioso como o francês forjou - afinal de contas, para traduzir Heidegger - a distinção entre *sein*, ser e *Seiendes*, ente - a palavra *étant*, que não existia (existia como forma verbal, mas não para designar o ente) e nos últimos 40 ou 50 anos se tem usado a palavra *étant*.

Parmênides introduz a noção de *ón*, de ente. Perceber o sentido que isto tem é uma questão filosoficamente complexa e delicada. Eu creio que o sentido mais profundo, mais forte, mais genial e criativo que esta palavra tem nas mãos de Parmênides - não no desenvolvimento posterior - é a ideia de consistência: nós dizemos "tal coisa consiste em..."; que a água consiste em uma combinação de hidrogênio e oxigênio, por exemplo. Mas eu creio que a contribuição genial de Parmênides está numa simplificação disto, está na ideia simplesmente de consistência (não em dizer que as coisas "consistem em", como, por exemplo, Tales de Mileto diz que as coisas consistem em água). Parmênides dirá que as coisas consistem; no que for, consistem. Este é, creio, o sentido originário e mais profundo do *ón*: as coisas têm consistência, consistem. Naturalmente, isso é o que corresponde à pergunta - evidentemente, no princípio não muito rigorosa, não muito precisa - "O que é tudo isto?", nela aparece o *é*, o verbo, mas não é ainda a ideia de consistência, mas, em todo caso, a de consistir em. Naturalmente, quando se pretende distinguir o que as coisas são, terá que dizer o que as coisas são no fundo, verdadeiramente, como o faz Platão, ou na fórmula posterior de Aristóteles: "o ente que é enquanto ente". Interessante é que tudo isso vem do equacionamento, digamos, mais simples, abreviado, de certo modo simplificado - ao mesmo tempo radicalizado - em Parmênides: as coisas consistem. Mas isto leva Parmênides a uma posição por certo muito estranha: porque se as coisas consistem em consistir: são! São sempre o mesmo. E assim aparece o ideal numérico ou matemático dos pitagóricos: são. São, ou seja, não mudam. O pensamento grego tinha sido movido pela ideia da *kinésis*, o movimento - a tradução usual é movimento, mas é a mudança, a variação -, as coisas mudam: uma coisa que é branca depois é preta; uma coisa é verde depois é amarela; uma coisa é fria depois é quente... Mais ainda: as coisas chegam a ser e deixam de ser. São gerados e perecem. Esta é a condição da realidade, ao contrário dos números e das figuras, que não são gerados nem perecem, nem mudam, nem lhes acontece nada ao longo do tempo.

Mas, está claro, Parmênides comprometeu sua vida e seu pensamento com o *ón*, com a consistência. Então tem que concluir que não há mudança, que não há movimento, não há *kinésis*. Mas se não há *kinésis*, não há natureza: vejam os senhores o drama que surge. Em nome do *ón* temos que negar a *physis*. E esta será a grande aporia, que - se observarmos bem - perpassa toda a filosofia grega. Isto é sumamente importante. E então, Parmênides se encontra com uma situação estranha: pensa - ele pensa - que o ente é *akineton*, é imóvel, não muda, não é perecível... Mas, por outro lado, o movimento é evidente: as coisas se movem, mudam, a natureza está mudando constantemente, está produzindo, perecendo... Ou seja, nos encontramos com o fato de que há uma evidência intelectual - que é a ideia de consistir como tal, da imobilidade do ente *akineton* - e, por outro lado, a evidência - que se impõe - da mudança, da existência da natureza. O *Peri Physios* não tem sentido se não há natureza e por isso Aristóteles, quando escreve a *Física*, a primeira coisa que faz é reivindicar a natureza, "princípio do movimento e do repouso", e trata de fazer essa natureza - que consiste em mudança - compatível com a ideia de ser, com a Metafísica, que é o substrato da Física aristotélica. Este é o problema, que está proposto desde Parmênides. E, então, toda filosofia grega posterior a Parmênides será uma discussão dentro dessa aporia, dentro deste estilo geral em que se ambientou, em que se formulou a filosofia.